# ENTREVISTA

## MESTRE RUI MARQUES – GRUPO UNITIS KARATE-DO SHOTOKAI

**Rui Marques – viagem à Finlândia, Agosto 2012**

**Rui Marques – Cidade do México – Campeonato do Mundo de Karate, 8-11 Novembro 1990**

## Por Tiago Pedroso

**LISBOA, 27.06.2019**

Rui Alexandre Fernandes Marques, nascido a 6/01/1958 na Madragoa – Santos-o-Velho, uma figura indispensável do Karate-Do Shotokai em Portugal.
Fundador e instrutor-chefe do Grupo Unitis – Karate-Do Shotokai, ex-membro da seleccão portuguesa de Karate e antigo árbitro nacional de Kumite e Kata.

**O Grupo Unitis nasceu em 1987**

**INTRODUÇÃO:**

É-me impossível falar de Karate sem referir o nome do mestre Rui Marques, da mesma forma que acredito ser impossível falar de Karate em Portugal sem incluir o seu nome.

Pela sua contribução como atleta, ou pela sua personalidade extravagante, Rui Marques é sem dúvida uma figura de extrema importância na história do Karate-Do nacional.

Ao logo da sua carreira de quase 50 anos, ensinou e influenciou as vidas de mais de 2500 alunos, e marcou a memória de muitos colegas de treino pelo país fora.

Foi uma honra entrevistá-lo!

Partilho convosco, de forma sumária, uma conversa de várias horas durante uma tarde de verão em Lisboa.
Uma reunião entre aluno e mestre, hoje colegas de trabalho, num tom descontraído e aberto, de que nunca me vou esquecer.

Deixo um grande agradecimento ao Rui Marques e é com calorosa esperança que entrego este testemunho ao Grupo Unitis e a todos os interessados nesta história rica de vida, Karate e relações humanas!

Que o Grupo Unitis mantenha a chama acesa e que marque a vida de muitos mais alunos, como marcou a minha e me apaixonou pelo Karate desde há 27 anos para cá.

Um bem haja a todos.

*NESTA ENTREVISTA:*

**O PERCURSO DO MESTRE RUI**

**A ORIGEM DO GRUPO UNITIS**

**CRIANDO UMA IDENTIDADE**

**ÍDOLOS E REFERÊNCIAS**

**COMPETIÇÃO E TRADIÇÃO**

**UMA EXPERIÊNCIA NO JAPÃO**

**RELAÇÕES HUMANAS**

**SUPERANDO DIFICULDADES**

**A PASSAGEM DE TESTEMUNHO**

ENTREVISTA

# Rui Marques

## *Grupo Unitis – Karate-Do Shotokai*

**POR TIAGO PEDROSO**

*Bom dia Rui. Antes de mais gostaria de agradecer por esta oportunidade de te entrevistar e ficar a saber um pouco mais sobre o teu percurso no Karate e a história do Grupo Unitis. Posso tratar-te por tu ou pelo teu primeiro nome durante esta entrevista?*

**RUI MARQUES:**
Claro! Conheço-te tão bem e tu conheces-me tão bem...

**TP**: *Visitando a tua infância, eras um rapaz activo desportivamente? Se sim, que desportos praticavas antes do Karate surgir na tua vida?*

**RM**: Natacão, hóquei em patins, andebol e raguebi.

**GRUPO UNITIS – final dos anos 80**

**Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica**

RTUGAL

O Mestre Shigeru Egami foi instrutor-chefe do Karaté-Do Shotokai do Japão, do qual é seu presidente actual o Mestre Hironishi. O Mestre Egami nasceu na Perfeitura de Fukuoka e começou a praticar Karate ainda estudante, na Universidade de Waseda, onde ajudou a estabelecer o clube de Karaté. Em 1937 foi indicado pelo Mestre Funakoshi para o comité de avaliação do Shotokan; depois da 2.ª Guerra Mundial praticou e estudou com o Mestre Funakoshi e foi seu assistente no ensino. Foi eleito formalmente director do clube de Karaté da Universidade de Waseda e prelector em Educação Física nesta Universidade. Ensinou também Karaté nas Universidades de Gakushuin, Toho e Chuo e foi um grande impulsionador de numerosas organizações de Karaté dentro e fora do Japão.

Há 10 anos (2 de Junho de 1976) o Mestre Egami esteve em Portugal, nessa altura pudemos demonstrar-lhe a nossa prática, escutar os seus conselhos e conhecê-lo melhor. A apresentação oficial do Mestre Egami aos praticantes, decorreu numa reunião-treino efectuada no dia 5-6-76 pelas 17 horas no Ginásio do Liceu D. Pedro V. Nesta reunião estiveram presentes cerca de 1200 praticantes de Karaté-Do Shotokai.

Reflectindo um pouco sobre a vida do Mestre e do contributo que deu à evolução do Karaté-Do, fica-nos a certeza de que o seu esforço não foi em vão.

No seu livro, «The Way of Karate», o Mestre Egami dá-nos a seguinte mensagem: «Nos nossos movimentos físicos, há uns que são naturais e há outros que não o são. Através da prática do Karaté-Do, pudemos aprender a diferenciar entre os dois e aprender também a adquirir movimentos naturais. Aprendemos também a ter conhecimento do grande poder oculto, que desconhecemos, e que a Natureza nos deu, e também aprender a utilizá-lo».

APK

Instrutores presentes no treino mensal realizado em MAFRA

TREINO DE INSTRUTORES DA APK

CALENDÁRIO 1986

30 DE NOVEMBRO — Centro Karaté-Do de Mafra.
14 DE DEZEMBRO — Centro Shotokai de Queluz

CALENDÁRIO 1987

11 DE JANEIRO — Judokai - Cacém
8 DE FEVEREIRO — Margem Sul
8 DE MARÇO — Judo Clube de Portugal
12 DE ABRIL — Dramático de Cascais
24 DE MAIO — Centro Karaté-Do de Mafra
21 DE JUNHO — Centro de Karaté-Do de Rio de Mouro
25 DE OUTUBRO — Dramático de Cascais
29 DE NOVEMBRO — Centro Karaté-Do da Ericeira
13 DE DEZEMBRO — Centro Shotokai de Queluz

Os treinos mensais do conjunto de Instrutores da nossa Associação têm objectivos bem definidos; de entre alguns deles, destacamos a troca de experiências e pontos de vista, o diálogo, o encontro e convívio, assim como as duas horas e meia de prática (sempre necessária) num «meeting», onde a ajuda mútua é conseguida e os benefícios mútuos alcançados.

A abordagem de temas ligados ao ensino, os aspectos da formação de novos Instrutores, o planeamento das acções e a especificidade do ensino aos vários escalões etários, são temas para os quais estamos atentos.

Uma actualização permanente, a crítica saudável e a procura de melhores soluções para as tarefas que se deparam a todos os Instrutores que ensinam, são nestes treinos mensais a garantia e uma «aposta forte» na criação de melhores Instrutores para o futuro.

### OS PRIMEIROS PASSOS

### *EM QUE CIRCUNSTÂNCIAS SURGIU O KARATE-DO?*

**RM:** Houve um primo meu, o João Pedro, que se inscreveu no Karate do Judo Clube de Portugal e disse-me *"olha estou a fazer Karate"*, e eu na altura fui ver uma aula dele e gostei. Depois fui à Calçada da Glória ver outro tipo de Karate com o Vilaça Pinto, que era Shotokan, e optei pelo Raúl Cerveira (Shotokai) no Judo Clube.
Foi no dia 15 de Setembro de 1973. Escolhi o Karate devido ao meu temperamento e carácter. Sempre fui um miúdo criado na rua, sempre conflituoso e nunca tive uma grande estatura. Para todos os efeitos andava sempre em desarmonias na rua e essa foi uma das razões que me levou ao Karate que não era uma questão de defesa nem ataque mas uma questão de prática dentro dessa situação.

**TP**: *Tens memória da tua primeira aula? Podes partilhar os detalhes com os leitores?*

**RM**: Impressionou-me muito toda aquela hierarquia das saudações, entrada no Dojo, o Seiza. Todo aquele cerimonial ligou-me muito a uma hierarquia militarizada e isso para mim influenciou-me muito e foi uma das razões.
Não foi o treino em si mas a maneira das pessoas estarem no treino.

**TP:** *Os treinos eram diferentes dos treinos actuais? Como eram os exames de graduação naquela altura?*

**RM:** Completamente diferentes! Eram mais marciais, mais exigentes. Não haviam tantas explicações e tantas justificações para o que se fazia no treino! Era um treino mais prático.
Não havia explicação teórica.
Aprendíamos com a prática e não com a teoria, era completamente diferente. Isso também nos ligava muito uns aos outros! Os exames de graduação eram muito puxados... Não tinham nada a ver com os exames de agora. Acho que agora os exames são muito mais aristocráticos, muito mais tolerantes, muito mais permissivos... Antigamente eram mais exigentes. Éramos capazes de aprender uma Kata durante 4 meses seguidos e os treinos eram sempre com essa mesma Kata. Éramos muito mais persistentes, o que dava origem a uma aprendizagem muito mais demorada mas com resultados muito mais profundos.

## *TINHAS INSTRUTORES COMO ÍDOLOS E OUTROS PRATICANTES QUE RESPEITAVAS E SEGUIAS?*

**RM:** Eu seguia muito o mestre Raúl Cerveira, até hoje, acho que é um bom técnico. Depois havia o grupo dos mais, cintos negros e castanhos: o Fernando Elvas, o Francisco Gouveia, o Zé Carlos, o Luís Salgueiro, o José Soares, o Alverca, etc. que eram alunos mais graduados e que para mim serviam como pontos de referência e que eram todos muito unidos.

**TP**: *E colegas de treino que te marcaram e porquê?*

**RM**: Toda aquela geração que entrou na mesma altura e nós que para todos os efeitos éramos os maçaricos, inconscientemente refugiavamo-nos uns nos outros.
Era o caso do João Coutinho, do Bertini, do Fernando Falardo... Havia portanto um grupo muito mais restrito dos "miúdos" que entraram.

**TP**: *Recordas-te do sentimento de receber o teu 1º Dan?*

**RM**: Marcou-me muito mais receber o cinto amarelo, é giro! Porque foi o meu primeiro exame, já não era um principiante. O 1º Dan marcou-me bastante, mas marcou-me muito mais o 4º Dan. Foi um exame extremamente doloroso, extremamente difícil e eu já tinha outra idade.
O grau de exigência foi muito grande e esse para mim foi o que me marcou mais, além do cinto amarelo.

Recebi o 4º Dan de uma maneira muito peculiar porque fiz o exame em Glasgow, na Escócia, com o mestre Harada, e estive 7 meses à espera dos resultados.
Estive naquela expectactiva se tinha tido aproveitamento ou não e se tinha mostrado o meu máximo. Continuei naquela ansiedade por 7 meses e quando me entregaram os diplomas, com aquela expectativa tão grande, acabei por me emocionar porque tinha conseguido atingir o meu objectivo que era a evolução contínua dentro da prática de Karate.

## *ESTIVESTE TAMBÉM LIGADO AO KARATE DE COMPETIÇÃO. CONTA-NOS O TEU PERCURSO DESPORTIVO E QUE MOMENTOS MAIS TE MARCARAM.*

**RM:** Tive uma expectativa muito grande no Karate de competição porque sempre fui um aluno que gostava de pôr em prática todos os ensinamentos e toda a teoria e gostava muito da parte de Kumite. O Shotokai não tinha competição! Pedi durante muitos anos ao mestre Raúl que pedisse autorização ao mestre Harada para me deixar ir a competição, mas nunca recebi a resposta...
Posteriormente soube que o mestre Raúl nunca falou com o mestre Harada. Penso que foi para não o pôr em causa. Então quando eu comecei a entrar na competição, entrei individualmente, sem associação nenhuma de suporte.

# "Não tive resultados logo de início (...)"

Não tive resultados logo de início. Então quando comecei a ter resultados o mestre Raúl disse-me que podia competir.
Um momento que me marcou foi o campeonato do mundo (WUKO/WKF) em 1992 em Granada - Espanha, onde fiquei em 5º lugar em Kumite. Marcou-me bastante porque passei várias etápas.
Ainda me lembro de quando comecei a fazer competição, todo o termo de responsabilidade, da ansiedade, da incerteza do que ia acontecer. Depois de uns tantos anos a competir, passou a ser muito mais banal. Já era só *"mais uma competição"*, sentia-me só *"mais um competidor"*, era só "*mais um árbitro"*... por isso passei a vulgarizar todo o aspecto competitivo.
Mas no início sei o grau de dificuldade que tive! Isto porque sempre nos treinaram a parte técnica e física, mas esqueceram-se sempre de nos treinar a parte mental e a parte psicológica.

**TP:** *Partilhaste comigo que tiveste a oportunidade de treinar no Japão. Partilha essa história com os leitores.*

**RM:** Estive no Japão um ano e meio, algures no início dos anos 80. Para mim foi uma experiência extremamente enriquecedora!
No início foi uma grande desilusão porque cheguei a Tóquio e pensei *"quero ir fazer Karate"*, e nunca mais me esqueço que quando cheguei a um ginásio a senhora da recepção me perguntou se eu queria fazer Kihon, Kata ou Kumite! Havia aulas separadas e exclusivas para cada tópico... e pagava-se um tanto por cada aula. Isso marcou-me bastante porque eu ía com aquela ideia da parte filosófica das Artes Marciais e do Karate.
Depois fui para a parte norte do Japão e foi diferente mas também muito marcante, porque na sua mentalidade os japoneses consideram-se uma raça superior, não é que me tratassem mal, mas tratavam-me como inferior. Eu limpava o ginásio, só comia arroz e galinha, não passava daquilo... Treinava 5 a 6 horas por dia, por isso foi extremamente enriquecedor!

KARATE

**Granada** -- *Portugal, após ter sido dispensado da primeira eliminatória da décima primeira edição do Campeonato do Mundo, que ontem se iniciou nesta cidade, defrontará, na segunda ronda da competição de combates por equipas, a selecção vencedora do confronto que oporá a Irlanda a Curaçao, enquanto a equipa feminina medirá forças com a sua congénere canadiana. A competição individual começará depois, esperando-se resultados de relevo para a selecção lusa, a mais jovem de sempre a participar na mais importante prova sénior do calendário mundial, que regista, nesta edição, um recorde de participações: 468 concorrentes, oriundos de 78 países. Trata-se de uma séria aposta que os responsáveis da Federação Nacional de Karate fazem nas camadas mais jovens, até porque estes conquistaram, já, para o nosso país, duas medalhas nos últimos Europeus de cadetes e juniores. Para a equipa técnica, "se nesta altura conquistar lugares no pódio não é uma tarefa fácil, por outro lado, não nos surpreenderia se os obtivéssemos"*

## A ORIGEM DO GRUPO UNITIS

### *QUANDO SURGIU O CONCEITO DO GRUPO UNITIS E PORQUÊ ESSE NOME?*

**RECORDAS-TE DE QUEM IDEALIZOU O SÍMBOLO E COMO FOI O PROCESSO DE ESCOLHER CADA ELEMENTO?**

**RM:** Comecei a pensar em 1986 porque achava que para todos os efeitos podia alargar a minha família e a minha família podia incluir também os meus alunos.
Queria passar-lhes tudo aquilo que tinha ganho com os meus anos de experiência numa situação muito mais prática e muito mais real.
Então pensei sobre o nome que escolheria, e lembrei-me sempre do "grupo", da "união" ou um grupo que tivesse uma força coesa, com todos a caminharem na mesma direcção e com os mesmos objectivos e a mesma razão.
Na altura eu estava no curso da Faculdade de Medicina e larguei o curso para me dedicar ao Karate. Como fazia competição, pensei em dedicar-me por completo ao Karate e então queria criar um Grupo de União.
Lembrei-me da palavra "Unitis", em Latim.
Depois disso a grande dificuldade foi encontrar a simbologia para o nosso emblema.
Um grupo precisa de algo que o identifique, seja uma bandeira, um hino ou um emblema e então a dificuldade foi o grande emblema do Grupo Unitis – a tal razão de existência.
Tudo tem uma simbologia:
A vida não existe sem matéria e sem energia.
Tem de haver um equilíbrio entre duas partes, como as aves no emblema.
Automaticamente, pensou-se que para passar a transparência da vida para a matéria e para a energia tinha de haver uma "filtragem" e daí nasce a ideia da núvem – a pureza e transparência.
Para dar ao emblema uma simbologia apropriada japonesa aparecem os caracteres – a coragem e a sabedoria – é preciso coragem para praticar Karate e sabedoria para fazer a gestão do Karate. Estes caracteres nascem de um aspecto muito filosófico, quase como um enigma! Por vezes quando uma pessoa se suicída, pergunta-se se foi coragem ou cobardia.
Foi nos mesmos princípios que eu quis criar essa simbologia ou essa analogia.
Pensei que para se fazer Karate, para além da coragem pela persistência, sacrifício e dedicação também era preciso ter sabedoria para fazer a gestão de tudo isso: para não se saturar, estar-se sempre numa procura constante e não ser sempre a mesma coisa.
O simbolo foi desenhado em 5 etápas diferentes.
Pensou-se na simbologia tradicional da pessoa em Seiza, representando a montanha, a matéria.
Depois, para não dar essa ideia só específica do Seiza, passou-se então para a montanha que temos no emblema – uma coisa rude, bruta e forte.
Seguiu-se o pensamento de que para haver vida tem de haver energia e pensando no que nos transmite energia, chegámos ao sol, que até aparece na bandeira do Japão – o sol nascente – daí estar na zona Este da nossa montanha.
Automaticamente os elementos foram-se completando até dar origem ao emblema do Grupo Unitis.

**TP**: *O que originou a necessidade de criar um grupo com identidade própria ao invés de seguir os passos do teu instrutor?*

**RM**: Eu gosto de dizer isto aos meus alunos: eu não faço Shotokai. Eu tenho a linha do Shotokai mas o meu Karate é *"Shotokai Rui Marques"*, ou mais, Grupo Unitis! Como todas as outras pessoas dizem *"Ah, o estilo A ou B"*. Para mim o estilo é próprio de cada pessoa, mas a escola é que é diferente!
Eu pratico a escola Shotokai com uma filosofia muito própria e depois o estilo é o MEU estilo.
Por isso é que eu tinha de criar uma identificação muito própria ao invés de seguir os passos do meu instrutor.
Identificava-me com a escola Shotokai e por isso continuei sobre essa denominação. A escola Shotokai transmite uma filosofia e uma prática muito próprias e depois a interpretação de cada um é que pode variar! A minha maneira de estar é Shotokai; a minha maneira de ser é Grupo Unitis – Shotokai...

**TP**: *Nesse momento houve alguma mágoa ou rancor da parte dele e dos teus antigos colegas de treino?*

**RM**: Não foi uma questão de mágoa, porque cada um seguiu a sua linha.
Houve colegas meus que foram para o Wado-Ryu, para o Shito-Ryu, para o Full-Contact quando apareceu na piscina dos Olivais...
Houve colegas meus que chegaram a ir para o Taekwondo quando houve a demonstração do Chung na Academia do Sporting... portanto não houve mágoa porque cada um escolheu as suas opções.

**GRUPO UNITIS – 1987 – São Domingos de Benfica**

**GRUPO UNITIS – 1987 – São Domingos de Benfica**

**TP**: *Como foi criado o nosso programa de exame e o que guiou a escolha dos conteúdos para cada graduação?*

**RM**: É giro porque eu lembro-me do primeiro programa de exame e era só uma folha...
Tinha Kihon, Kata e Kumite. Hoje o Memo do Grupo Unitis está muito mais alargado, porque o Karate tem este conceito de ser sempre uma aprendizagem contínua e como tal, cada vez se sabe mais e cada vez se quer saber mais!
Enquanto no primeiro programa de exame só tínhamos conteúdo para uma folha, hoje o Memo tem quase 200 páginas.
Não quer dizer que a qualidade não seja a mesma! Está é muito mais esmiuçado. Vamos muito mais ao pormenor, aumentando a capacidade de aprendizagem com um número maior de técnicas e isso eu acho que é enriquecedor! Todos os dias aprendemos mais.

Quanto à divisão dos conteúdos por graduação, eu digo que as técnicas não são só *"aquilo que se faz"*, mas *"como se faz"*. O grau de dificuldade das técnicas vai variando. Eu não posso fazer uma técnica de ataque de braços sem saber a aplicação da parte *"Goshi"* (anca) e do cotovelo! Então se calhar a técnica mais simples de ataque de braços é o *"Oi Tsuki"*, e uma mais complicada pode ser o *"Haito Uchi"*, portanto isto quer dizer que não se pode evoluir numa técnica mais sofisticada ou mais complicada sem as bases das técnicas mais simples!
Também como as posições de pernas. A meu ver só existem verdadeiramente 3 posições de pernas no Karate: *"Zenkutsu Dachi"*, *"Kiba Dachi"* e *"Kokutsu Dachi"*. Todas as outras posições, seja *"Fudo Dachi"*, *"Neko Ashi Dachi"* etc. são posições com origem nessas 3 posições de base.
Se o praticante não sabe fazer um bom "*Zenkutsu Dachi"* também não sabe fazer um bom *"Fudo Dachi"*. Se não sabe fazer um bom *"Kiba Dachi"* também não sabe fazer um bom *"Shiko Dachi"*. Para um bom *"Neko Ashi Dachi"* precisa de um bom *"Kokutsu dachi"*...
Sejam técnicas de defesas de braços, ataques de braços, posições, pontapés, tudo tem de ter uma continuidade de aprendizagem. Para essa evolução criaram-se os programas técnicos com a divisão das técnicas pelo seu grau de dificuldade e pela sua aplicação prática.

**TP**: *O Grupo Unitis ficou conhecido por ter um estilo muito próprio, numa mistura que se parece principalmente entre o Shotokai e o Shotokan. O que dirias que foram as razões por detrás deste conceito e o porquê de sermos extremamante diferentes de outras associações de Shotokai?*

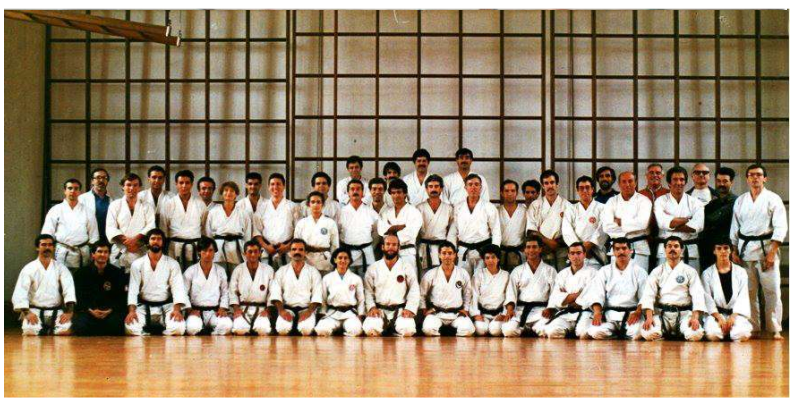
**RM**: Por uma simples razão: quando eu aprendi Shotokai, na linha Raúl Cerveira / Murakami, eram treinos muito específicos e harmoniosos. Com técnicas muito soltas e muitos exercícios respiratórios. Mas faltava outra parte no treino... faltava a parte do contacto, a parte prática. E o Shotokan tinha mais essa vertente!
Não quis ser Shotokan, levei os princípios próprios do Shotokai! Mas também não queria ser o Shotokai tradicional porque depois não tinha o aspecto prático do Shotokan.
Por isso não me associei ao Shotokan porque não era o que eu fazia. Associei-me ao Shotokai porque os meus princípios estavam nessa escola, mas há certas bases de Shotokan que eu considero válidas e que por isso tentei incluir na minha prática para a enriquecer!
Uma das coisas de que sou partidário, enquanto o Shotokai é tão tradicional que fica muito segregado e estanque, eu no meu Shotokai faço estágios inter-estilos, estágios intenacionais, treinos conjuntos com outros grupos e escolas... porque eu acho que a visão alargada nos dá uma perspectiva maior daquilo que verdadeiramente procuramos.
Fica mais fácil de nos autocriticarmos e adaptar a prática à nossa própria maneira – e esse é então o nosso estilo de Karate!

**TP**: *Que características identificas como as principais diferenças entre o Karate do Grupo Unitis e associações de grande formato como a KDS em Shotokai ou a JKS ou JKA no Shotokan?*

**RM**: O que é que nos diferencia? Sempre me ensinaram que tudo aquilo que é grande parte-se e tudo aquilo que é pequeno esquece-se. Então eu tentei procurar o meio termo!
Nem muito grande, para não se partir, nem muito pequeno, para não ser esquecido!
Noto que a KDS, por ser um grupo muito padronizado e muito estanque comeca a ser esquecida! Hoje aparecem outras escolas de Karate com princípios tão válidos ou mais do que o Shotokai, mas o Shotokai está muito apagado...

**Estágio com Sensei Harada – Judo Clube Portugal_final dos anos 80 / início dos anos 90**

Estágio Inter-estilos_1993



## HOUVE ALGUM MOMENTO EM QUE SENTISTE VONTADE DE PARAR O KARATE? PORQUÊ? E COMO SUPERASTE ESSES SENTIMENTOS?

**RM:** Já pensei em parar em 3 situações diferentes.
A primeira situacão foi uma questão de injustiça, envolvendo o meu instrutor e a minha obtenção do 3º Dan. Pensei *"vou arrumar o kimono e vou parar o Karate"*...
A segunda situação foi quando alunos meus seguiram o caminho deles... Fez-me pensar *"porque é que me estou a esforçar e dedicar se eles não param a sua vida?"*. Tive a sensação que era quase como nos museus: paga-se a entrada, vê-se o que o museu tem para mostrar e depois cada um segue o seu caminho.
A terceira situação estou a vivê-la de há 1 ano e meio para cá...
Tenho pensado muito em relação ao Karate.
Acho que o Karate tem um papel muito importante na minha vida mas o tempo não pára...
Não é uma questão de desmotivação ou uma outra razão específica mas é uma questão de ponderação.
O que me faz continuar não são os meus alunos neste momento. Acho que se calhar é mais pelos meus filhos, porque quero passar-lhes este testemunho e herança!
O meu filho Rodrigo Marques tem uma receptividade muito grande à prática e dá-me um gozo imenso ensiná-lo e para ele treinar eu tenho de dar aulas.

## COMO VÊS O KARATE MODERNO?

**RM**: Acho que o Karate moderno é uma coisa rápida de se ter e rápida de se perder. Antigamente demorava-se muito tempo a atingir os objectivos mas criavam-se raízes muito mais profundas.
Hoje os ganhos e os objectivos são todos tão rápidos de atingir que nem chegam a ser bem definidos! Por isso os praticantes perdem-se nos objectivos e na razão da prática facilmente.

**TP**: *Tens algum instrutor japonês como referência nos dias de hoje? E porquê? E portugueses?*

**RM**: Instrutores portugueses matenho o mestre Raúl. Ele é um bom técnico e um bom instrutor, mas mau pedagogo.
Em relação a instrutores japoneses as minhas referências eram o mestre Enoeda do Shotokan, os mestres Miyamoto e Murakami do Shotokai... mas hoje é muito variável. Estes foram os que me marcaram bastante, sem falar no Egami, que para mim era um ponto de referência.

Casal de São Brás – Amadora – circa 2000

## COMO GOSTARIAS DE VER O FUTURO DO GRUPO UNITIS? CONSIDERAS DELEGAR FUNÇÕES AOS TEUS ALUNOS MAIS GRADUADOS? E O QUE GOSTARÍAS QUE ACONTECESSE AO NOSSO GRUPO EM GERAÇÕES VINDOURAS?

**RM**: Não gostava que o Grupo Unitis morresse, porque me deu muito trabalho a construir, seja grande ou seja pequeno. Abdiquei de muita coisa na vida em prol do grupo e do Karate.
Gostava que os meus alunos dessem uma continuidade ao grupo, dentro dos seus limites. Talvez as coisas fossem diferentes se tu ainda estivesses em Portugal... Porque sei que também ia aprender contigo e com as tuas ideias e que me irias incentivar e desafiar! Tens uma entrega e dedicação diferentes! Mas eles têm as suas vidas e outras prioridades.
O mais importante é que não gostava que o trabalho que tive durante estes quase 50 anos fosse um trabalho infortuno.

**TP:** *Se voltasses atrás no tempo, mudávas alguma coisa como instrutor, ou no grupo?*

**RM:** Não. Mas mudava na prática. Tinha acabado o meu curso de Medicina em vez de o interromper em prol do Karate. Consideraria o Karate como um complemento e não como uma razão de existência.
As pessoas podem perguntar *"mas estás arrependido?"*... Arrependido, não! Porque nós não definimos o nosso destino, ele já está programado, portanto só o poderia alterar ou transformar com outras decisões.

## RELAÇÕES HUMANAS

### *O QUE CONSIDERAS SEREM OS MAIORES OBSTÁCULOS PARA GERIR UM GRUPO OU ASSOCIAÇÃO DE SUCESSO?*

**RM:** Os recursos humanos. A relação entre as pessoas!
É gerir personalidades e temperamentos diferentes e conciliá-los todos com o mesmo objectivo! É muito difícil.
Levá-los todos a caminhar na mesma direcção com estímulos diferentes para cada um, porque cada um tem a sua própria maneira de ser e características próprias.
Essa é a minha maior dificuldade na gestão do Karate.

**TP:** *Qual foi/foram os melhores conselhos que recebeste na tua carreira, e como os tentas aplicar?*

**RM:** Tudo aquilo que te cria dificuldades é o teu verdadeiro mestre. Acho que foi o mestre Murakami que me disse.
Penso que isso foi uma das coisas que me definiu como sou hoje dentro da prática do Karate.
Tinha dificuldade? Então era aquilo que eu tinha de desafiar. Tinha obstáculos? Era isso que tinha de ultrapassar.
Era uma maneira de me desafiar a mim próprio, não a tentar ser o melhor mas sim tentar melhorar.

**TP**: *Que conselhos podes dar aos instrutores mais novos? E aos praticantes?*

**RM**: É assim... a pessoa procura aquilo que quer encontrar. Será que as pessoas hoje sabem o que querem encontrar? Acho que muitos nem sabem o que querem, quanto mais como o encontrar.
Cada um tem de saber o que procura na prática do Karate e depois não são eles que escolhem o Karate mas é sim o Karate que os escolhe!

**TP:** *Obrigado pela honra e pelo tempo dispensado.*

**Yudansha Grupo Unitis – 30.06.2019**

KARATE Portugueses no Mundial de Granada

# Marques e Raquel Dias os melhores no Mundial

JOSÉ LORVÃO

■ JOÃO HENRIQUES

Rui Marques, na categoria de menos de 60 quilos, e Raquel Dias, em menos de 53 quilos, foram os melhores portugueses na décima primeira edição do Campeonato do Mundo, que decorreu em Granada, Espanha, ao alcançarem o quinto lugar nas respectivas provas individuais de combate.

Este certame, que contou com a participação de 75 países, teve a melhor participação portuguesa de todos os tempos, dado que os restantes atletas nacionais atingiram, igualmente, plano de grande relevo, como é o caso de António Serra, na competição de kata (técnica), que se classificou no décimo quarto posto.

De salientar, também, as boas participações dos irmãos Cardeira (técnica), que atingiram a meia-final, e Ricardo Frias (menos de 65 quilos), Luís Torres (open) e Ana Rodrigues (mais de 60 quilos), os quais lograram passar à segunda eliminatória das respectivas categorias, o que revela o bom momento do karate luso.

Portugal prepara, entretanto, a presença para o Campeonato da Europa de seniores, competição que se realiza, em Maio de 1993, na cidade de Praga. No entanto, já em Fevereiro, os cadetes e juniores terão oportunidade de medir forças, em Cardife, no País de Gales, com os seus congéneres europeus.

Para o presidente da Federação Nacional de Karate-Portugal (FNK-P), Raul Cerveira, "esta será a oportunidade de confirmarmos as duas medalhas conquistadas nas mais recentes edições do Europeu, para além de dar continuidade a um projecto de quatro anos, recentemente iniciado, que visa a projecção definitiva da modalidade, em termos desportivos, tanto na sua vertente quantitativa como qualitativa".

*Esta foi a melhor representação lusa de sempre num Mundial*

**Jornal Record, 6ª feira_27-11-1992**